

à sua leitura, uma crítica primária, dentro da linha tradicional da historiografia filosófica do lado cristão, ao pensamento de Hume sobre a religião e a fé. Pérez Andreo, sem renunciar a um sábio distanciamento crítico, confessa que aquele pensamento, estudado a fundo, tal como a Kant, também a ele acabou por o despertar do seu sono dogmático; e é de parecer que o seu conhecimento aprofundado muito pode contribuir para uma sadia convivência das pessoas na sociedade plural moderna; inclusive, que ele pode fazer muito bem à teologia e aos crentes em geral. Tem muito presente a ideia de Hume, hoje de vários modos e a partir de novas experiências repetida e, em algum modo, confirmada: as religiões históricas – que, para este filósofo, não são mais que partes do processo evolutivo de procura da verdadeira religião – são fonte de sectarismos, fanatismos e violências.

A crítica de Hume à tradição filosófica radicada em Platão e Aristóteles, a que se hipotecou a teologia cristã, mostra que aquela tradição é, de facto, incapaz de dar conta, pela via da (sua) metafísica, na base de uma razão abstracta e fria, da novidade do cristianismo. Em diferença, a concepção humiana de crença, valorizando a componente afectiva ou «sentiente» da razão e assumindo aquela como lastro daquilo que na religião e na teologia constitui a fé, permite um diálogo dos crentes em pé de igualdade com o mundo laico.

Pérez Andreo procura seguir e compreender o fundo do pensamento de Hume, particularmente enquanto que ele fornece verdadeiramente o fundamento para – depois da obra demolidora dos mestres da suspeita e das filosofias desconstrucionistas – uma reconstrução da nova metafísica e da verdadeira religião. Esse fundo reside na sua nova compreensão da *natureza humana*, de onde brota a

*crença*. Será esta que permitirá ao homem viver neste mundo sem grandes dores de cabeça. E é na base dela que, segundo crê este seu intérprete e comentador, se tornará possível uma nova metafísica, distante quer do racionalismo quer do empirismo.

O mesmo intérprete analisa em seguida a crítica de Hume à religião e a sua proposta de uma religião natural como a verdadeira religião, mais humana que as religiões históricas. A sua análise segue as grandes teses do filósofo escocês: primeiro contra os milagres, as profecias e a falsa crença; segundo, contra as presumidas provas da existência da divindade, da imortalidade da alma e da vida futura; terceiro, enfrentando o problema do mal, contra a impossível teodiceia.

A última parte do estudo de Pérez Andreo é dedicada ao confronto das ideias humianas com o Evangelho de Jesus. Procura fazê-lo, primeiro, desenvolvendo uma superação ou «*Aufhebung* hegeliana» da posição de Hume; segundo, recuperando os elementos desta que se lhe averiguam válidos e ainda hoje necessários, ainda que não suficientes, para humanizar a religião. Sem ignorar que aquele filósofo se movia numa intenção não escondida de legitimação da ordem social burguesa, realça o seu contributo para a eliminação da falsa crença e para a humanização da religião.

JORGE COUTINHO

## PEDAGOGIA / DIDÁCTICA

ARTACHO LÓPEZ, Rafael, **Enseñar competencias sobre la religión. Hacia un currículo de Religión por competencias**, col. «Aprender a ser», Desclée de Brouwer (www.edesclée.com).

com), Bilbao, 2009, 422 p., 230 x 160, ISBN 978-84-330-2356-8.

Tradicionalmente, o ensino da religião nas escolas tinha por objectivo essencial a transmissão de conhecimentos sobre a mesma religião. Entretanto, é sabido que os acordos de Bolonha, em relação a todas as áreas e unidades curriculares, deslocaram a tónica da transmissão de conhecimentos pelo docente para a aquisição de competências por parte dos alunos. Neste livro, escrito por um professor de Didáctica da Religião na Universidade Complutense de Madrid, não se parte propriamente desta deriva recomendada por Bolonha. Artacho López explica a sua opção pela adopção do primado do ensino por competências numa constatação da realidade actual no que se refere ao ensino da religião. A preferência da transmissão de conhecimentos pelo treino de competências baseia-a no facto de, na sociedade hodierna, como no interior da própria escola, vivermos em espaço de pluralismo religioso e cultural. Conforme se exprime no Prólogo, «a meta de aprendizagem, no modelo de competências, é que o aluno adquira as habilitações necessárias para estabelecer relações adequadas (seja competente) em relação a toda a realidade religiosa do seu ambiente, tanto como crente – se o é –, como enquanto membro de uma sociedade em que está presente o facto religioso», sabendo estabelecer uma relação adequada e integradora. Explicando-se melhor, considera ele que a mensagem religiosa e moral é diferente de religião para religião; pelo contrário, as competências sobre a religião são as mesmas em todas as religiões: as mesmas no que se refere às próprias crenças de cada um; as mesmas quanto aos respectivos livros sagrados, quanto à organização em comunidades ou grupos, enfim, quanto ao culto, ao código ético, às expressões

artísticas e culturais, à história religiosa ou às relações com outras religiões.

O livro consta de dez capítulos: 1 – Preliminares; 2 – Competências básicas e ensino da religião: comunicação linguística, competências matemática, científica, digital, social e cidadã, cultural e artística, para aprender e ensinar, para a autonomia e iniciativa pessoal; 3 – As competências sobre a religião: competência fundamental e competências específicas (sobre crenças, livros sagrados, comunidade religiosa, culto e liturgia, código ético-moral, expressões artísticas do religioso, manifestações socioculturais, factos da história religiosa, pluralidade das religiões); 4 – Os objectivos como competências (objectivos do ensino da Religião): sobre as crenças, os livros sagrados, a comunidade cristã, a oração e o culto da Igreja, etc. (em aplicação do cap. anterior à religião cristã); 5 – Os conteúdos do ensino da Religião num modelo de competências (segundo o mesmo esquema dos dois capítulos precedentes); 6 – Os conteúdos disciplinares no currículo de Religião (segundo o mesmo esquema); 7 – Perfil de egresso ou perfil competencial sobre a Religião (segundo o mesmo esquema); 8 – Sequenciação de competências e definição do currículo: desenvolvimento operativo e competências sobre a religião, sucessivamente, nos vários ciclos etários do ensino; 9 – Critérios para avaliar as competências sobre a religião; 10 – orientações metodológicas para ensinar competências sobre a religião.

Um extenso anexo (pp. 361-462) transcreve a «Proposta de currículo de Religião da Comunidade Autónoma Basca», que o autor segue integralmente, por a julgar o modelo mais coerente, dado que contempla o ensino da religião por competências para todas as áreas do currículo.

Este livro é, como se vê, um bom instrumento de trabalho destinado prioritaria-

mente as professores de Educação Moral e Religiosa, mas também a todos quantos têm responsabilidades no ensino daquela disciplina e que o encaram sob o prisma de um ensino orientado para a aquisição de competências.

JORGE COUTINHO

## HISTÓRIA / BIOGRAFIA

BRAZ, António Manuel da Silva, **O Mosteiro e a Igreja de Ermelo: Património Cisterciense Esquecido no Tempo**, col. «Memorabilia Christiana» 16, Faculdade de Teologia-Braga (UCP), Braga, 2009, 286 p., 240 x 170, IABN 978-972-8090-17-3.

1. As igrejas das aldeias são o cenário escolhido por muitas centenas de fiéis para, de forma simples e humilde, dizerem as suas formas de viver, as suas crenças, as suas orações, os seus gostos, os seus santos padroeiros, os seus intercessores.

Santa Maria de Ermelo, com a sua igreja de história ímpar, lembra a religiosidade impressionante do povo, sobretudo em dia de Romaria. Atraído por S. Bento, a gente experimenta o chapéu que passa pela cabeça de tantos devotos, como sinal de apropriação da graça do Santo padroeiro.

É impressionante a beleza agreste do sítio, conjugada com a religiosidade popular. O sítio cheira a sagrado e a história. Impressiona o encanto do lugar, pela modéstia de alguns habitantes de grande coração hospitaleiro; fascina o Santo, cuja imagem encobre a biografia plural de um povo, cheio de canseiras e de angústias a resolver, mas de olhos postos naquele lugar de cura; toca profundamente a pobreza envolvida em paisagem de vislumbre, o respeito enorme pelos gestos francos e

cheios de piedade que brotam do interior dos mais simples.

2. Esta obra – *O Mosteiro e a Igreja de Ermelo* –, tem um primeiro interesse: o de uma peregrinação ao lugar «esquecido», espreitando a franqueza dos pobres e aprendendo a singeleza do cuidado com Deus, em sociedade que parece abeirar-se mais dos Santos. A descrição é do autor e relativa à romaria de 10-11 de Julho de 2005, registando a actualidade de um percurso espiritual e bucólico ( Cf. páginas 173-174 ).

3. A Aldeia conta com população escassa: em 2001, apenas 142 habitantes(p.130). Mas, é grande na história. Recua além dos inícios da Nacionalidade, quando os cistercienses ali chegam por filiação do Mosteiro de Tarouca, via Santa Maria de Fiães. A Regra era a de certa austeridade e ascetismo, radicalizando as normas beneditinas então menos rígidas. S. Bernardo, no ano da sua morte, 1153, legou Alcobaca, com monges oriundos de Claraval(p. 47). O Mosteiro de Ermelo lembra os finais do século XII, tendo sido filiado de Santa Maria de Fiães, nascidos ambos entre 1173-1179. A paisagem arquitectural é românica, e o lugar está entre o Céu e a água, com terrenos de cultivo como era norma. Assim se (im) plantavam os cistercienses, evidenciando a auto-suficiência, com bons terrenos, moinhos, água, recursos piscícolas e manchas de bosques (Cf. p. 90).

É Santa Maria de Ermelo, como em Fiães: a Virgem Maria estava na primeira página da Regra. Importava que o lugar fosse convidativo ao trabalho e à oração, por isso «despovoado, deserto» (p.99). Hoje, S. Bento está na página mor, carregado da religiosidade que lhe confere séculos de tradição popular. A primeira atracção é a igreja. «O Mosteiro, concebido como unidade autónoma, auto-suficiente, réplica terrestre da Jerusalém celeste, com o passar do tempo, deu origem ao aglomerado que cresceu, compondo a